

O Manifesto Comunista e sua recepção no Brasil

CLAUDIO H. M. BATALHA

Publicado originalmente em 1848 em Londres, numa edição anônima, pela Sociedade Educativa para Trabalhadores (*Bildungs Gesellschaft für Arbeiter*) de J. C. Burghard, o *Manifesto do Partido Comunista* (*Manifest der Kommunistischen Partei*), teve uma circulação relativamente restrita com essa e com as outras edições que se seguiram e ficaria praticamente esquecido após a derrota definitiva dos movimentos iniciados em 1848. Mesmo na Alemanha o texto só passaria a ter maior difusão por volta de 1870. Os nomes de Karl Marx e Friedrich Engels aparecem pela primeira vez como os autores do texto na edição alemã de 1872, publicada em Leipzig, já com o título de *Manifesto Comunista* (*Kommunistische Manifest*).¹

Se Engels no “Prefácio à edição alemã de 1890” fornece uma explicação para o uso do adjetivo *comunista* em 1848, já que naquele momento o uso do adjetivo socialista permitiria confusão tanto com “os partidários de diferentes sistemas utópicos” como com os “numerosos curandeiros sociais”, não parece que tenha havido qualquer explicação para a supressão do termo *partido*, a partir da edição alemã de 1872, presente na edição original.² No entanto nas traduções para outras línguas as duas fórmulas continuaram a ser empregadas de forma mais ou menos aleatória, ainda que haja uma preferência mais nítida nas traduções para línguas latinas — o que é evidente no caso francês — pelo título de 1848.

*Professor do Departamento de História, IFCH, Unicamp.

1. Cf. “Note de l’editeur” in: *Manifeste du Parti Communiste*, Paris, Bureau d’Editions, s.d.; “Escritos de Marx e Engels”. In: Tom Bottomore (org.), *Dicionário do pensamento marxista*, Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p. 410; F. Engels “Do prefácio à edição alemã de 1890”. In: Karl Marx e Friedrich Engels, *Textos*, São Paulo, Edições Sociais, s.d., vol. 3, p. 18; Eric J. Hobsbawm, “A fortuna das edições de Marx e Engels”. In: vv. aa., *História do marxismo*, vol. 1, *O marxismo no tempo de Marx*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p. 425.

2. Engels, *op. cit.* p. 19.

Há duas hipóteses que podem ser aventadas para a mudança no título: uma mudança semântica do termo partido entre meados do século XIX e as década de 1870; ou o surgimento de partidos políticos operários que adotassem uma denominação que não fosse a de partido comunista. Ambas as hipóteses parecem plausíveis. Em meados do século XIX o termo partido era freqüentemente empregado para designar uma corrente, um grupo e não propriamente uma organização. O próprio Marx refere-se, por exemplo, ao “partido da ordem”, que obviamente não remete a uma organização específica. Já mais para final do século XIX o termo é geralmente empregado para designar uma organização determinada. Por outro lado, é preciso lembrar que com a fundação, em 1869, do Partido Operário Social-Democrata (*Sozialdemokratische Arbeiterpartei*, SDAP), que contava com August Bebel e Wilhelm Liebknecht entre seus dirigentes e que ao fundir-se com os lassallianos em 1875 daria origem ao SPD; Marx e Engels — mesmo a contragosto — seriam confrontados com uma nova realidade: a dos partidos socialistas operários nacionais, marca do movimento socialista no final do século XIX.³

Por outro lado, pelo menos em parte, o tempo decorrido entre a publicação inicial do *Manifesto do Partido Comunista* em 1848 e sua efetiva divulgação nos meios socialistas e operários europeus, que só ocorreria décadas mais tarde, pode ser atribuído ao fato de que Marx e Engels viam como classe revolucionária “uma classe operária moderna”, leia-se fabril, que em meados do século XIX estava longe de representar a maioria do operariado na Europa ocidental, inclusive na Inglaterra.⁴

Na França afora a edição de 1848 mencionada por Marx e Engels no “Prefácio à edição alemã de 1872” e que aparentemente teve pouca repercussão, uma nova edição francesa do texto integral do *Manifesto* somente apareceria em 1882 com a publicação pelo jornal guesdista *L’Egalité* da tradução de Laura Lafargue. Essa mesma tradução, que seria reproduzida por diversos jornais durante os anos seguintes, teria sua

3. Cf. Franz Mehring, *Carlos Marx. História de su vida*, 2ª ed., Barcelona/Buenos Aires/Cidade do México: Grijalbo, 1967, p. 519-526; Bernard H. Moss, *Aux origines du mouvement ouvrier français. Le socialisme des ouvriers de métier 1830-1914*, Paris, Les Belles Lettres, 1985, p. 141, 201.

4. A esse respeito ver: Jacques Droz, “O socialismo alemão do Vormärz”. In: J. Droz (dir.), *História Geral do Socialismo*, vol. 2, *O socialismo utópico até 1848*, Lisboa: Livros Horizonte, 1977, p. 607; Dick Geary, *European Labour Protest: 1840-1939*, Londres: Methuen, 1984, p. 25; Moss, *op. cit.*, p. 17; além do meu próprio “Identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade?”, *Revista Brasileira de História*, São Paulo, 12 (23/24), set. 1991- ago. 1992, p. 116.

primeira publicação sob forma de livro em 1895, numa brochura de 36 páginas.⁵

A precariedade do conhecimento da obra de Marx entre os guesdistas, corrente socialista mais próxima do marxismo, deveu-se ao desconhecimento do alemão por parte de seus principais dirigentes, (Jules Guesde, Gabriel Deville, e inclusive o próprio Paul Lafargue), à ausência durante um largo período de traduções, e à pouca importância atribuída à teoria por essa corrente.⁶ Isso teria conduzido a consolidação de uma versão extremamente simplificada do marxismo na França desse período, o que teria levado Marx a dizer, referindo-se ao marxismo na França, “eu não sou marxista”.⁷

No caso brasileiro, as referências a Marx e à sua obra na imprensa operária de fins do século XIX e início do século XX têm quase sempre um caráter ritual, e não denotam um efetivo conhecimento da teoria marxista. A frase estampada na capa da edição original de 1848 do *Manifesto do Partido Comunista* e que também encerra o texto: “Proletários de todos os países, uni-vos!”, frequentemente reproduzida por essa imprensa, acabou sendo celebrizada pela Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) ao adotá-la como sua máxima. O pouco de Marx que era conhecido chegava através da obra de vulgarizadores como Deville ou Enrico Ferri, quase sempre em francês.⁸ Nos últimos anos do século passado, do próprio Marx, a única obra disponível era a tradução para o francês por Joseph Roy do livro primeiro de *O Capital*, à qual se juntaria pouco depois o *Manifesto* na tradução de Laura Lafargue. Há uma referência direta ao título em francês no *Manifesto de 1902* do Partido Socialista Brasileiro, entre os “livros mais recomendados para o estudo do socialismo científico”.⁹

5. Cf. Maurice Dommanget, *L'Introduction du marxisme en France*, Lausanne, Editions Rencontre, 1969, p. 68.

6. Cf. Claude Willard, *Les guesdistes. Le mouvement socialiste en France (1893-1905)*, Paris, Editions Sociales, 1965, p. 26-31.

7. *Ibid.*, p. 30.

8. Para a discussão dessa questão ver: Leandro Konder, *A derrota da dialética. A recepção das idéias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta*, Rio de Janeiro, Campus, 1988, caps. III e IV; e, o meu próprio, “A difusão do marxismo e os socialistas brasileiros na virada do século XIX”. In: João Quartim de Moraes (org.), *História do marxismo no Brasil*, vol. 2, *Os influxos teóricos*, Campinas, Editora da Unicamp, 1995, p. 11-44.

9. Partido Socialista Brasileiro, “O Conselho Geral do Partido aos habitantes do Brasil, especialmente os proletários: Manifesto”, *O Estado de S. Paulo*, 28/8/1902, p. 3.

Assim, com exceção dos dirigentes social-democratas da Associação Geral dos Trabalhadores (*Allgemeinem Arbeiter-Verein*) de São Paulo, atuante desde o início dos anos 1890, que seguramente tinham acesso ao texto em alemão, é improvável que outros dirigentes socialistas tivessem acesso ao texto integral em francês antes de 1895, quando a tradução de Laura Lafargue foi publicada em livro.

Desse modo o texto do *Manifesto* permaneceu durante muito tempo desconhecido para os brasileiros que não lessem outras línguas. Uma das primeiras traduções foi a de Octavio Brandão a partir da versão francesa de Laura Lafargue, inicialmente publicada em partes entre julho e dezembro de 1923 no jornal carioca *Voz Cosmopolita*, publicado por um grupo de empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e anexos, cuja associação, o Centro Cosmopolita, era então próxima do Partido Comunista.¹⁰ Ainda no início da publicação em partes do *Manifesto Comunista* os redatores do jornal lançaram o seguinte apelo, a julgar pelo estilo de autoria do próprio Brandão:

Pedimos a todos os comunistas e simpatizantes, a todas as associações operárias do Brasil, a todos os trabalhadores da terra e mar, dos rios, das lagoas:

1º — que leiam três, quatro vezes essa obra de Marx, pedra fundamental do comunismo, procurando compreendê-la o mais possível;

2º — que os proletários travem discussões em torno dela, nos sindicatos, nas fábricas, nas usinas, nos engenhos, no alto mar;

3º — que transcrevam essas páginas imortais no maior número possível de jornais, revistas, etc.;

4º — que façam palestras, conferências em torno dos trechos mais importantes. Só assim o proletariado do Brasil mostrar-se-a digno da causa do proletariado mundial.¹¹

E seguindo essa diretriz o próprio tradutor, além de Astrojildo Pereira e de Paulo de Lacerda, fez palestras e leituras para os trabalhadores do texto publicado.

Ao final de sua tradução Brandão acrescentou:

Traduzido nos dias amargos de maio, junho e julho de 1923, como um protesto contra as perseguições ao Partido Comunista do Brasil.

Rio, 26 de julho de 1923¹²

10. Cf. Octavio Brandão, *Combates e batalhas: memórias*, São Paulo: Alfa-Omega, 1978, p. 241-242.

11. “Manifesto Comunista”, *Voz Cosmopolita*, Rio de Janeiro, 2 (27), 31/7/1923, p. 3. Essa citação teve a ortografia e a acentuação atualizadas.

12. *Voz Cosmopolita*, 2 (36), 15/12/1923, p. 3.

Essa mesma tradução seria publicada sob a forma de livro em 1924 em Porto Alegre, custeado pela organização local do Partido Comunista, de cuja tiragem de 3 mil exemplares centenas teriam sido queimados por ordem da direção dos Correios de Porto Alegre, onde se encontravam para serem remetidos para outros pontos do país, conforme denunciava carta do Secretariado Internacional do PC endereçada à *Correspondance Internationale*.¹³

Em 1931 há uma nova edição pelas Edições Estudos Sociais do Rio de Janeiro e pelas Edições Unitas de São Paulo, que não traz qualquer dado sobre o tradutor, a língua do original ou a edição que foi utilizada na tradução. Aliás, desse momento em diante, passa a ser comum a ausência de informações sobre o tradutor e a edição traduzida. Ainda nos anos 30 há uma reimpressão da edição de 1931.¹⁴

Em 1945, sinal inequívoco do clima do imediato pós-guerra com a legalidade do PCB no auge do seu prestígio, são lançadas nada menos que quatro edições do *Manifesto*, todas por editoras do Rio de Janeiro. A única a trazer o nome do tradutor é a do Editorial Calvino em que o *Manifesto do Partido Comunista*, acompanhado de uma introdução histórica de D. Riazanov, foi traduzido por Eneida (nome de pluma da escritora Eneida de Moraes, 1904-1971). Seguramente essa tradução foi de uma edição francesa, língua que Eneida dominava. Assim como a Calvino, outra editora próxima ao PCB, a Edições Horizonte, também lançou sua edição, primeiro título da coleção “Clássicos do marxismo”.¹⁵ Houve, ainda naquele ano, uma edição das Edições Triângulo, precedida de um ensaio de Lenin, e outra das Edições Incahuasi, na “Coleção popular de obras sociais”.

Já em plena “guerra fria” numa conjuntura política extremamente adversa, quando o PCB retornara a clandestinidade e passara a pregar a

13. Documento reproduzido por Paulo Sérgio Pinheiro e Michael M. Hall (orgs.), *A classe operário no Brasil, 1889-1930: documentos*, vol. 1, *O movimento operário*, São Paulo, Alfa-Omega, 1979, p. 268-270; ver também Comissão Comemorativa do Centenário do Manifesto Comunista, “Edições Brasileiras do ‘Manifesto Comunista’”. In: Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto do Partido Comunista*, edição comemorativa do centenário, s.l. Rio de Janeiro, Vitória, s.d. [1948].

14. Há uma discrepância entre as fontes quanto ao ano dessa reimpressão, segundo a Comissão Comemorativa do Centenário do Manifesto Comunista (*op. cit.*) teria ocorrido em 1932, já na edição brasileira de Bottomore (*loc. cit.*) o ano teria sido 1934. E, evidentemente, não se pode descartar a hipótese de que tenham ocorrido duas reimpressões em 1932 e 1934.

15. Segundo Bottomore (*loc. cit.*) essa edição teve uma tiragem de 50 mil exemplares em comemoração à legalização do PCB. Não há nada porém nos exemplares dessa edição que indique as dimensões da tiragem.

derrubada do governo Dutra, depois de ter seu registro cassado em 1947, seguido da cassação do registro dos seus parlamentares em janeiro de 1948; foi lançada pela Editorial Vitória, ligada àquele partido, uma edição comemorativa do centenário do *Manifesto Comunista*. Essa publicação da Vitória teria novas edições em 1954, 1955 e 1960.

Na época do centenário da publicação, o discurso dominante na imprensa comunista é o da apropriação do legado de Marx e Engels como forma de legitimação do Estado soviético e dos seus dirigentes. Em janeiro de 1948, *A Classe Operária*, jornal oficial do PCB deu início a uma série de artigos sobre o *Manifesto*. Sob a rubrica geral de “No centenário do *Manifesto Comunista*: Vitórias decisivas do socialismo no mundo”, há tanto notícias exaltando a maquinaria agrícola da União Soviética e o último plano quinquenal, como um relato das “vitórias” eleitorais do Partido Comunista Francês e a reprodução do verbete sobre o *Manifesto Comunista* do *Dicionário de Filosofia* de Rosental e Yudin, que termina do seguinte modo: “O triunfo do socialismo na União Soviética, obtido sob a direção do Partido de Lenin e Stalin, trouxe o maior triunfo das idéias expostas por Marx e Engels no imortal *Manifesto do Partido Comunista*, neste ‘cântico dos cânticos’ do comunismo, segundo a expressão de Stalin”.¹⁶

Paralelamente às edições específicas do *Manifesto*, a Vitória publicou em 1956 o texto inserido no volume 1 de sua edição das *Obras escolhidas* de Marx e Engels, tradução das versões em inglês e em espanhol da edição soviética preparada pelo Instituto Marx-Engels-Lenin e publicada pelas Edições em Línguas Estrangeiras de Moscou.

Depois do golpe de 1964, com exceção de edições clandestinas mimeografadas¹⁷ o *Manifesto* só voltaria a ser publicado na segunda metade dos anos 70. A edição das *Obras escolhidas* da Vitória seria retomada em 1975-1976 pelas Edições Sociais de São Paulo, que — numa possível tentativa de evitar a evidente ligação com a edição da Vitória — batizou a coletânea de *Textos* e alterou a ordem dos volumes (o *Manifesto* integrante do volume 1 na publicação da Vitória, passou a fazer parte do volume 3 na nova publicação), além de omitir qualquer referência à edição utilizada para a tradução. Poucos anos depois, em 1980, a Editora Alfa-Ômega de São Paulo, retomaria o título original, *Obras escolhidas* e a ordem original dos volumes da edição da Vitória, e apesar de não fazer qualquer referência àquela editora, informava aos leitores

16. *A Classe Operária*, 3 (109), 27/1/1948, p. 4-5.

17. Um exemplo dessas edições pode ser encontrada no acervo do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, depositado no Arquivo Edgard Leuenroth/IFCH/Unicamp.

que a edição fora realizada com base na edição soviética de 1953. Na “nota da editora” havia ainda um esforço de minimizar o alcance político da publicação ressaltando seu caráter acadêmico: “Os três volumes da coletânea estiveram desaparecidos das livrarias, durante os anos de arbítrio, e retomam, agora, em edição da Alfa-Ômega especialmente dedicada aos pesquisadores voltados ao estudo da ciência política”.¹⁸

Ainda em 1978 a Editora Zahar do Rio de Janeiro lançou uma tradução da edição inglesa de 1948, organizada por H. J. Laski, comemorativa do centenário do *Manifesto*, pondo fim à hegemonia das edições soviéticas estabelecida desde a década de 50. Sinal dos tempos e de uma certa iconoclastia, a editora trotskista Versus de São Paulo lançou, em abril de 1979, uma versão brasileira da edição em quadrinhos do *Manifesto* adaptada e desenhada por Rodolfo Marcenaro. Essa edição teve tanto sucesso, que em julho do mesmo ano era lançada uma segunda edição, dessa vez acompanhada de “90 anos do *Manifesto*” de Leon Trotski, texto datado de outubro de 1937.

Desde então foram várias as edições brasileiras, freqüentemente contendo novas traduções, que buscam uma maior fidelidade ao texto original, e acompanhadas de novos estudos introdutórios, mas isso já ocorreu em uma conjuntura menos problemática para esse tipo de publicação e sem o impacto político de outros tempos.

O *Manifesto* é talvez um dos mais pujantes dos textos de Marx e Engels e certamente a mais acessível síntese das concepções de seus autores na época em que foi elaborado. É também sob vários aspectos um texto visionário, mas, justamente por isso, padeceu na origem de um duplo anacronismo. Ao nascer chegou cedo demais para 1848, quando a classe operária a quem se endereçava era ainda uma virtualidade. E chegou tarde demais para o final do século XIX, época que começou sua maior difusão, quando a realidade político-partidária era substancialmente distinta. Ainda, na medida em que o texto consistia num chamamento para uma revolução, que parecia próxima, ia de encontro à política cada vez mais gradualista dos partidos social-democratas, cada vez mais institucionalizados. Ao ganhar novo fôlego depois de 1917, às expensas de seu significado original, o próprio termo partido comunista recuperado do título inicial facilitou a confusão com o modelo de partido leninista que a Terceira Internacional se encarregou de propagar. No Brasil, onde sua tradução foi tardia, foi sobretudo essa última característica que acabou prevalecendo.

18. Editora Alfa-Ômega, “Nota da editora”. In: Karl Marx e Friedrich Engels, *Obras escolhidas*, São Paulo: Alfa-Ômega, s.d., vol. 1.

BATALHA, Cláudio. O Manifesto Comunista e sua recepção no Brasil. *Crítica Marxista*, São Paulo, Xamã, v.1, n.6, 1998, p.131-137.

Palavras-chave: Manifesto Comunista; Política Brasileira; Imprensa Operária; Brasil.